

# **Perspectivas Econômicas Globais 2009**

**Atualização das projeções**

**30 de março de 2009**

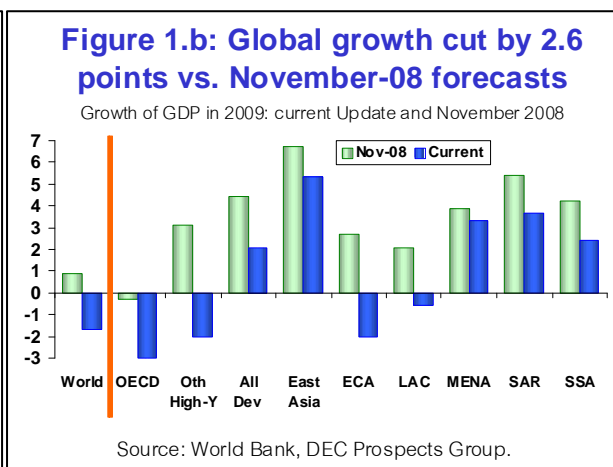
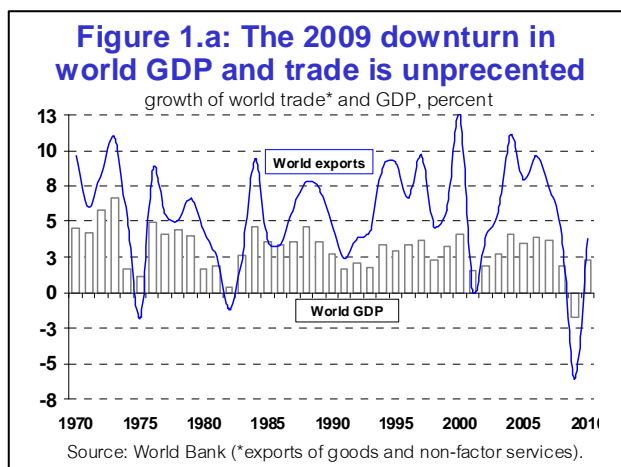
**Banco Mundial  
Grupo de Perspectivas de Desenvolvimento, Banco Mundial**

## Síntese

O que teve início seis meses atrás com um desalavancamento em massa nos mercados financeiros transformou-se em uma das contrações econômicas globais mais pronunciadas da história moderna. À medida que os investidores repatriaram ativos que tinham no estrangeiro e as condições creditícias apertaram, empresas do mundo inteiro tiveram de reduzir a produção e adiar planos de gastos de capital. Face a uma perda de riqueza sem precedentes e à acelerada fragilização dos mercados de trabalho, consumidores contiveram os gastos, sobretudo com bens duráveis.

Esta atualização das projeções do relatório de *Perspectivas Econômicas Globais* (PEG) publicado pelo Banco Mundial em dezembro de 2008 reflete a rápida deterioração das condições financeiras e econômicas – e a interação cada vez mais negativa entre economias que estão perdendo vigor e sistemas financeiros frágeis – que ficaram em evidência desde fins de 2008 em praticamente todos os países do mundo.

- Prevê-se que o PIB Global sofrerá uma contração de 1,7% em 2009, o que constituiria o primeiro declínio registrado na produção mundial (tabela 1.a e gráficos 1.a e 1.b). Isso marca uma deterioração acentuada de 2,6 pontos em relação às previsões das PEG anteriores.
- Os países de alta renda estão passando por uma recessão profunda este ano, sendo provável que haja uma contração de 3% nas economias da OCDE e de 2% em outros países de alta renda.
- Após um avanço de 5,8% em 2008, o PIB das economias em desenvolvimento deverá crescer apenas 2,1% (em contraste com as projeções anteriores de 4,4%). Duas regiões em desenvolvimento, Europa e Ásia Central, além da América Latina e do Caribe, verão queda do PIB este ano.
- Prevê-se que os volumes do comércio mundial de bens e serviços cairão 6,1% em 2009, com uma contração consideravelmente mais acentuada no comércio de produtos manufaturados.
- Os preços do petróleo deverão manter-se mais de 50% abaixo dos níveis observados em 2008, a uma média de US\$ 47 por barril para o ano, prevendo-se que o declínio dos preços de mercadorias, excluindo-se o petróleo, continuará superior a 30%.



|   |   |
|---|---|
| Figure 1.a: The 2009 downturn in world GDP and trade is unprecedented | Gráfico 1.a: A queda do PIB e comércio mundial em 2009 não tem precedentes    |
| growth of world trade* and GDP, percent                               | expansão do comércio* e PIB mundial, percentagem                              |
| World exports   | Exportações mundiais  |
| World GDP   | PIB mundial   |
| Source: World Bank data (*exports of goods and non-factor services)   | Fonte: Dados do Banco Mundial (*exportações de bens e serviços não fatoriais) |

|   |  |
|---|--|
| Figure 1.b: Global growth cut by 2.6 points vs. November-08 forecasts | Gráfico 1.b: Redução de 2,6 pontos no crescimento global v. previsões de novembro 2008 |
| Growth of GDP in 2009: current Update and November 2008               | Expansão do PIB em 2009: esta Atualização e novembro 2008                              |
| Nov-08  | Nov-08   |
| Current   | Atual  |
| World   | Mundo  |
| OECD  | OCDE   |
| Oth High-Y  | Out alt rend   |
| All Dev   | Tod des  |
| ECA   | EAC  |
| LAC   | ALC  |
| MENA  | OMAS   |
| SAR   | RSA  |
| SSA   | ASS  |
| Source: World Bank, DEC Prospects Group.                              | Fonte: Banco Mundial, Grupo de Perspectivas de Desenvolvimento.                        |

### **Países de alta renda entram em recessão profunda.**

A natureza global da recessão tem exercido um impacto dramático sobre o desempenho econômico dos países de alta renda. Até meados de 2008, a desaceleração da demanda interna na OCDE foi compensada parcialmente pela continuidade da expansão vigorosa das exportações de produtos de capital e tecnologia mais avançada, fornecendo o investimento que sustentou o crescimento rápido nos países em desenvolvimento. As condições agora se inverteram, e o colapso das exportações de alto rendimento está reforçando a contração da demanda interna nos países de alta renda. Os estreitos vínculos globais entre o comércio de produtos manufaturados e os gastos de capital necessários para apoiar a atividade econômica agora se transformaram em um círculo vicioso.

As economias especializadas na produção de bens de capital – inclusive Japão, Alemanha, Taiwan, China, e Estados Unidos – foram as que mais sofreram com a desaceleração dos gastos com investimentos. Os declínios são particularmente dramáticos na Ásia. Por exemplo, o volume de exportações de bens do Japão havia

caído 40% em janeiro em comparação com um ano antes. A contração em Taiwan, China, chegou a 30% e, em Cingapura, a 25%. A queda da produção industrial teve magnitude similar nesses países. Sem divergir desse cenário, o PIB caiu à taxa anual desestacionalizada de 12,1% no quarto trimestre de 2008 no no Japão, 21% na Coréia e 25% em Taiwan, China.

Os ajustes das previsões de crescimento em 2009 estão em conformidade com esses impactos imediatos. Agora se projeta que a economia japonesa sofra uma contração de 5,3% (uma redução de 5,2 pontos desde novembro), aproximadamente o dobro da contração na Europa e nos Estados Unidos. Prevê-se que o PIB de todos os países de alta renda juntos recue 2,9% em 2009 – uma redução de 2,8 pontos percentuais nas projeções das PEG (tabela 1.a e gráfico 1.b).

### **Economias em desenvolvimento sofrem forte impacto da crise financeira.**

Espera-se que a desaceleração do crescimento econômico em países de baixa e média renda como um grupo acompanhe a desaceleração nos países de alta renda. O crescimento no mundo em desenvolvimento deverá cair de 5,8% em 2008 para 2,1% em 2009, representando um recuo de 3,7 pontos percentuais, o que é similar à queda observada nas economias de alta renda. Este colapso altamente sincronizado do crescimento não pode ser explicado simplesmente com base nos vínculos comerciais, mas ilustra como os países em desenvolvimento sofreram um impacto direto da crise financeira em suas economias internas. A inversão dos fluxos de capitais, o colapso dos mercados de ações e, em termos gerais, a deterioração das condições de financiamento interromperam a expansão do investimento no países em desenvolvimento, com queda drástica em muitos deles.

**Tabela 1.a Previsões de crescimento global; com comparação às projeções de Nov-08.**

(variação percentual em relação ao ano anterior)

|  | Previsões atuais |      |      | Previsão de Nov-2008 |      | Diferença |      |
|--|------------------|------|------|----------------------|------|-----------|------|
|  | 2008             | 2009 | 2010 | 2009                 | 2010 | 2009      | 2010 |
| <b>Crescimento do PIB Real</b>                 |                  |      |      |                      |      |           |      |
| <b>Mundo</b> <sup>a</sup>                      | 1,9              | -1,7 | 2,3  | 0,9                  | 3,0  | -2,6      | -0,7 |
| Mundo (ponderações de PPA) <sup>b</sup>        | 3,1              | -0,6 | 2,9  | 1,9                  | 3,9  | -2,5      | -1,0 |
| <b>Alta renda</b>                              | 0,8              | -2,9 | 1,6  | -0,1                 | 2,0  | -2,8      | -0,4 |
| Países da OCDE                                 | 0,7              | -3,0 | 1,5  | -0,3                 | 1,9  | -2,7      | -0,3 |
| Área do Euro                                   | 0,7              | -2,7 | 0,9  | -0,6                 | 1,6  | -2,1      | -0,7 |
| Japão  | -0,7             | -5,3 | 1,5  | -0,1                 | 1,5  | -5,2      | 0,0  |
| Estados Unidos                                 | 1,1              | -2,4 | 2,0  | -0,5                 | 2,0  | -1,9      | 0,0  |
| Não-OCDE                                       | 2,8              | -2,0 | 2,9  | 3,1                  | 5,3  | -5,1      | -2,4 |
| <b>Em desenvolvimento</b>                      | 5,8              | 2,1  | 4,4  | 4,4                  | 6,0  | -2,3      | -1,6 |
| <u>Leste da Ásia e Pacífico</u>                | 8,0              | 5,3  | 6,6  | 6,7                  | 7,8  | -1,4      | -1,2 |
| China  | 9,0              | 6,5  | 7,5  | 7,5                  | 8,5  | -1,0      | -1,0 |
| Indonésia                                      | 6,1              | 3,4  | 5,4  | 4,4                  | 6,0  | -1,0      | -0,6 |
| Tailândia                                      | 2,7              | -2,0 | 1,7  | 3,6                  | 5,0  | -5,6      | -3,3 |
| <u>Eur. e Ásia Central</u>                     | 4,2              | -2,0 | 1,5  | 2,7                  | 5,0  | -4,8      | -3,5 |
| Rússia   | 5,6              | -4,5 | 0,0  | 3,0                  | 5,0  | -7,5      | -5,0 |
| Turquia  | 1,5              | -2,0 | 1,5  | 1,7                  | 4,9  | -3,7      | -3,4 |
| Polônia  | 4,8              | 0,5  | 2,8  | 4,0                  | 4,7  | -3,5      | -1,9 |
| <u>América Latina e Caribe</u>                 | 4,3              | -0,6 | 2,2  | 2,1                  | 4,0  | -2,8      | -1,9 |
| Brasil   | 5,1              | 0,5  | 3,2  | 2,8                  | 4,6  | -2,3      | -1,4 |
| México   | 1,4              | -2,0 | 1,8  | 1,1                  | 3,1  | -3,1      | -1,3 |
| Argentina                                      | 6,8              | -1,8 | 1,9  | 1,5                  | 4,0  | -3,3      | -2,1 |
| <u>Oriente Médio/África Setentrional</u>       | 5,5              | 3,3  | 4,3  | 3,9                  | 5,2  | -0,6      | -0,9 |
| Egito  | 7,2              | 4,0  | 4,8  | 4,5                  | 6,0  | -0,5      | -1,2 |
| Irã  | 5,2              | 3,0  | 4,0  | 3,5                  | 4,2  | -0,5      | -0,2 |
| Argélia  | 3,2              | 2,2  | 3,5  | 3,8                  | 5,4  | -1,6      | -1,9 |
| <u>Sul da Ásia</u> <sup>c</sup>                | 5,6              | 3,7  | 6,2  | 5,4                  | 7,2  | -1,7      | -1,0 |
| Índia  | 5,5              | 4,0  | 7,0  | 5,8                  | 7,7  | -1,8      | -0,7 |
| Paquistão                                      | 5,8              | 1,0  | 2,5  | 3,0                  | 4,5  | -2,0      | -2,0 |
| Bangladesh                                     | 6,2              | 4,5  | 4,0  | 5,7                  | 6,2  | -1,2      | -2,2 |
| <u>África Subsaariana</u>                      | 4,9              | 2,4  | 4,1  | 4,2                  | 5,5  | -1,8      | -1,4 |
| África do Sul                                  | 3,1              | 1,0  | 3,1  | 2,2                  | 4,1  | -1,2      | -1,0 |
| Nigéria  | 6,1              | 2,9  | 4,2  | 5,8                  | 6,2  | -2,9      | -2,0 |
| Quênia   | 2,4              | 2,0  | 3,4  | 3,7                  | 5,9  | -1,7      | -2,5 |
| <i>Item do memorando:</i>                      |                  |      |      |                      |      |           |      |
| Países em desenvolvimento, excl. China e Índia | 4,6              | 0,0  | 2,67 | 2,9                  | 4,7  | -2,9      | -2,1 |

Fonte: Banco Mundial. Notas: a: PIB em dólares constantes de 2000, preços e taxas de câmbio de mercado em 2000. b: PIB medido com ponderações de PPA referentes a 2000. c. Os valores do PIB do Sul da Ásia referem-se a anos fiscais (AF). O AF transcorre de 1º de julho a 30 de junho no Paquistão e Bangladesh; e de 1º de abril a 31 de março na Índia. Em virtude das práticas de declaração, segundo as quais o AF2007/08 é declarado em 2008 no Paquistão e Bangladesh e em 2007 na Índia, há uma ilusão de defasagem no impacto da crise global sobre o Paquistão e Bangladesh em comparação com a Índia.

- A *Europa e Ásia Central* (EAC) foram as regiões que mais sofreram com os eventos recentes, com uma contração prevista de 2% do PIB em 2009, comparada com o

crescimento de 4,2% registrado em 2008 (gráfico 1.b). A redução no crescimento da EAC é de 4,8 pontos em comparação com as projeções das PEG de novembro, a revisão mais acentuada entre as regiões em desenvolvimento. A tensão financeira é mais elevada entre vários países da Europa Central e Oriental que haviam captado capitais estrangeiros para alimentar o crédito interno; os exportadores de petróleo enfrentam tensões financeiras cada vez mais intensas, com o rubro russo sob pressão. Muitos países entraram na crise financeira global com déficits de conta corrente superiores a 10% do PIB, o que os tornava particularmente vulneráveis a uma inversão dos fluxos de capitais. O acúmulo adicional de dívida externa transformou-se em um problema, dificultando até a rolagem da dívida existente. Sem assistência internacional em grande escala, provavelmente haverá uma contração muito mais pronunciada do que se prevê nesta atualização para vários países da região. O processo de ajuste é difícil sobretudo porque as exportações da Área do Euro estão em declínio, e as remessas da União Européia e da Rússia para os países menores da CEI estão em queda.

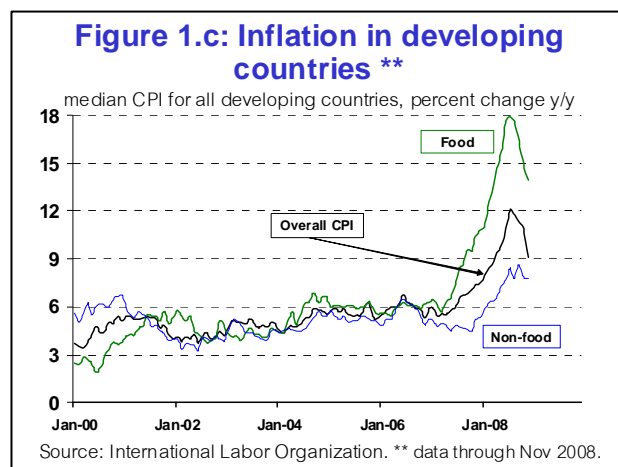
- A *América Latina e Caribe* (ALC) é a segunda região em desenvolvimento onde o PIB deverá sofrer contração em 2009, com perda de 0,6% após os ganhos de 4,3% obtidos em 2008. Embora os resultados de crescimento devam ser variados, uma confluência de fatores aponta para um desaquecimento geral do PIB regional. Vários países têm fortes vínculos com o sistema financeiro dos EUA e muitas empresas sentiram o impacto da escassez de crédito imediatamente. As relações de troca despencarão para os exportadores de mercadorias, exercendo pressão nos orçamentos de vários países. Alguns países não implementaram proteções suficientes durante a alta das mercadorias, aproveitando os preços elevados para superaquecer suas economias. Os países que têm estreitos vínculos comerciais e de outra natureza com os Estados Unidos (sobretudo o México) estão sendo afetados pela redução da produção automotiva e de outros setores, enquanto as remessas ligadas à atividade da construção civil e outros setores afins nos EUA recuam no ano.
- O *Leste da Ásia e Pacífico* (LAP) deverá ser a região mais afetada pela desaceleração do investimento e comércio global, inibindo a produção industrial e induzindo declínios nos gastos de capital. O investimento manteve-se no patamar de 36,3% do PIB em 2008, em contraste com os 26,5% observados nos países em desenvolvimento sem contar o LAP, e a contração dos desembolsos de capital deverá ter efeitos proporcionalmente mais amplos no crescimento regional. Após apresentar ganhos de 15% e 10% em 2007 e 2008 respectivamente, as exportações regionais caem 1% em 2009. Nesse contexto, o PIB recua para 5,3% em 2009, à medida que o crescimento na China despenca para 6,5% e vários membros da ASEAN, inclusive a Tailândia, entram em recessão.
- O crescimento no *Sul da Ásia* (RSA) foi reduzido para 3,7% em 2009, em comparação com os 5,4% antes previstos e com os 5,6% registrados em 2008. Embora as relações de troca tenham evoluído de forma favorável à região, com a queda dos preços do petróleo, o desaquecimento da demanda nos mercados de exportação (inclusive no ascendente comércio entre a Índia e a China) está sendo sentido pronunciadamente, assim como a moderação nas exportações de serviços dos centros de alta tecnologia da Índia em decorrência da contenção dos gastos de capital em nível global. Prevê-se uma redução das remessas à medida que as condições piorarem nos países anfitriões, mas com alguma defasagem.
- Os influxos de capitais diminuirão, contribuindo para a desaceleração da expansão do investimento, sobretudo na Índia.

- O apoio fiscal para as economias em desaquecimento poderá ser limitado por déficits orçamentais que já estão bastante elevados.
- O crescimento no *Oriente Médio e África Setentrional* (OMAS) parece ser o menos afetado pela crise global entre as regiões em desenvolvimento até o presente. O crescimento cai apenas 0,3 pontos em 2009 em relação às projeções anteriores de 3,3%. Mas o desvio é mais pronunciado em comparação ao forte desempenho do OMAS em 2008, quando houve um ganho de 5,5% como resultado, em parte, das receitas petrolíferas e da intensa atividade no Egito e Marrocos, entre outros países. As reduções nas receitas e produção de petróleo conterão o PIB dos exportadores de petróleo, dos 4,5% registrados em 2008 para 2,9%, enquanto a recessão na UE, a queda no número de turistas e fluxos de remessas deverão instigar uma desaceleração do crescimento das economias não produtoras de petróleo, caindo para 3,6% em 2009 em comparação com os 6,5% registrados no ano anterior.
- Na *África Subsaariana*, prevê-se que o crescimento do PIB em 2009 será reduzido para a metade dos sólidos 4,9% alcançados em 2008, caindo 1,8 pontos abaixo das previsões anteriores. A evolução dramática dos preços das mercadorias terá efeitos profundos nos países, com queda de crescimento nos que exportam petróleo, do pico de 6,8% alcançado em 2008 para 3,3%. Ao mesmo tempo, as economias que dependem de mercadorias desaquecerão em 2009 com a queda contínua da demanda e dos preços internacionais das mercadorias. O PIB da África do Sul deverá registrar expansão de 1%, com as exportações prejudicando o crescimento e o consumo privado enfraquecendo.

### **Efeitos amplos do atual desaquecimento.**

A presente recessão está espalhando efeitos penetrantes em toda a economia global, que vão muito além dos declínios consideráveis do PIB, da produção e do comércio. Os preços das mercadorias foram reduzidos pela metade, causando mudanças acentuadas nas relações de troca e posições de conta corrente, e reduzindo rapidamente a inflação interna no mundo inteiro. As pressões fiscais estão se acumulando com rapidez, mesmo para os governos que apresentavam superávits orçamentários no início da crise. E estão surgindo déficits volumosos de financiamento da balança de pagamentos em muitos países, aumentando cada vez mais a probabilidade de que as fontes oficiais terão de prestar-lhes apoio em grande escala para evitar correções drásticas determinadas pelo mercado.

A alta dos *preços das mercadorias*, que teve início em 2003, foi interrompida em julho de 2008. Além da forte demanda, vários fatores impulsionaram os preços, inclusive a desvalorização do dólar, o baixo investimento nos setores extrativos antes da alta, interrupções do fornecimento, exigências de consumo de biocombustível, atividade de fundos de investimento e, em 2008, políticas governamentais, como impostos de exportação e interdições de várias mercadorias alimentícias. Muitos desses fatores inverteram-se em meados de 2008, quando o incipiente desaquecimento da atividade econômica e as conseqüências da crise financeira induziram quedas drásticas nos preços das mercadorias de todos os setores.



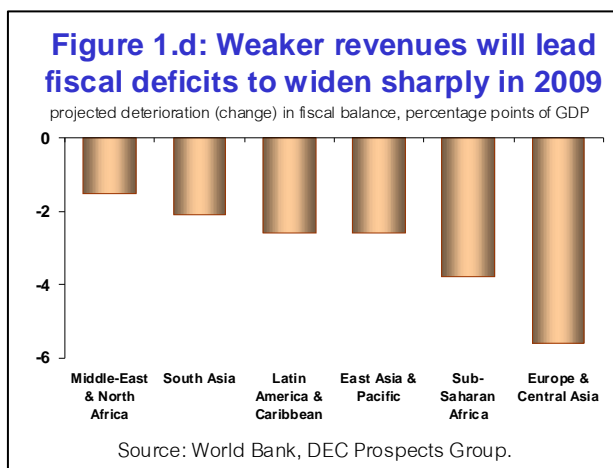
|  |  |
|--|--|
| Figure 1.c: Inflation in developing countries**                    | Gráfico 1.c: Inflação nos países em desenvolvimento**                      |
| median CPI for all developing countries, percent change/y          | IPC médio para todos os países em desenvolvimento, variação percentual/ano |
| Overall CPI  | IPC geral  |
| Food   | Alimentos  |
| Non-food   | Não-alimentos  |
| Jan-00   | Jan-00   |
| Jan-02   | Jan-02   |
| Jan-04   | Jan-04   |
| Jan-06   | Jan-06   |
| Jan-08   | Jan-08   |
| Source: International Labor Organization. **data through Nov 2008. | Fonte: Organização Internacional do Trabalho. **dados até Nov 2008.        |

Em dezembro de 2008, os preços do petróleo cru caíram para US\$ 41/barril – uma queda de quase 70% em comparação com os picos alcançados em julho – enquanto que os preços não relacionados com a energia recuaram quase 40%. Houve desaceleração ou queda da demanda da maioria das mercadorias, inclusive nas importações da China e sobretudo de petróleo e metais. Nesse contexto, as projeções atuais identificam um preço médio de quase US\$ 47/barril de petróleo cru em 2009, o que representa uma redução aproximada de US\$ 27/barril em comparação com as expectativas anteriores, sendo que os preços das mercadorias, excluindo-se o petróleo, terão queda de 32%. Como a maioria desses declínios já foi realizada para o ano, o restante de 2009 deverá ser caracterizado por pouca mudança global nos níveis dos preços, mesmo que a volatilidade continue elevada. Como não se espera uma recuperação relevante da demanda antes de pelo menos 2010, os preços deverão continuar baixos em decorrência parcialmente da capacidade ociosa, que poderia ser reativada no caso dos metais e petróleo, e da capacidade disponível na agricultura.

A *inflação do IPC* nos países do G-7 e nas economias em desenvolvimento deverá desacelerar consideravelmente em 2009-10, caindo dos 2,9% registrados em 2008

para 0,4% no primeiro caso, à medida que os preços das mercadorias recuarem e as pressões sobre os preços forem contidas pela baixa demanda e pelo aumento contínuo do desemprego. As preocupações dos bancos centrais com a deflação deverão ser contrabalançadas por acréscimos constantes de liquidez às economias, por meio de programas de estímulo e medidas de apoio financeiro. Nos países em desenvolvimento, prevê-se que o deflator médio do consumo pessoal cairá dos 8,5% observados em 2007-08 para 5% até 2010 (gráfico 1.c). Mesmo que haja uma queda temporária dos preços em alguns países em desenvolvimento, o risco de deflação generalizada continua reduzido, pois se espera que o recuo nos preços das mercadorias seja um evento isolado e em vista da tendência de alta vista na inflação subjacente até recentemente, em resposta ao aumento drástico nos preços dos alimentos em 2008. Ademais, é possível que muitos países sofram mais desvalorização de suas moedas, o que conteria as pressões desinflacionárias.

Todos os países em desenvolvimento agora enfrentam a possibilidade de uma deterioração significativa nos *saldos fiscais*, à medida que caem as receitas fiscais (em decorrência, em grande medida, do desaquecimento do comércio internacional e do colapso dos setores fabris), disparam os custos dos empréstimos e aumentam as transferências necessárias para preservar as redes de segurança social. Os pacotes de estímulo e outras medidas destinadas a atenuar a crescente tensão no setor privado com certeza causarão maior deterioração das posições fiscais nos próximos anos. Prevê-se que o aumento mais acentuado do déficit fiscal ocorra na Europa e Ásia Central em desenvolvimento, onde a contração do comércio e da produção é extrema, o setor privado mostra grande vulnerabilidade e as redes de segurança social têm ampla abrangência (gráfico 1.d).



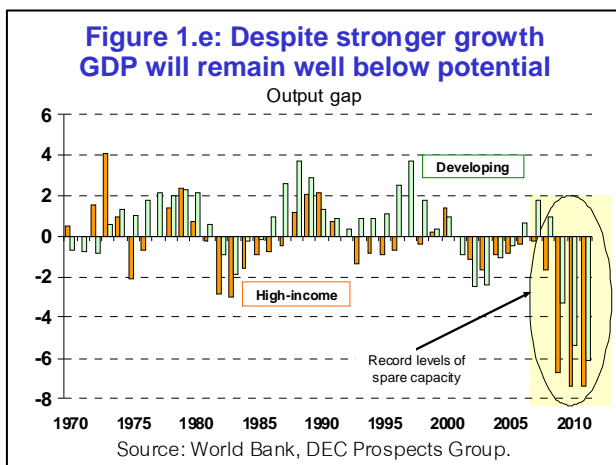
|  |   |
|--|---|
| Figure 1.d: Weaker revenues will lead fiscal deficits to widen sharply in 2009 | Gráfico 1.d: Receitas debilitadas resultarão em aumento acentuado de déficits fiscais em 2009 |
| Projected deterioration (change) in fiscal balance, percentage points of GDP   | Deterioração (variação) projetada (change) no saldo fiscal, pontos percentuais do PIB         |
| Middle-East & North Africa   | Oriente Médio e África Setentrional   |
| South Asia   | Sul da Ásia   |

|  |   |
|--|---|
| Latin America & Caribbean                | América Latina e Caribe   |
| East Asia & Pacific                      | Leste da Ásia e Pacífico  |
| Sub-Saharan Africa                       | África Subsaariana  |
| Europe & Central Asia                    | Europa e Ásia Central   |
| Source: World Bank, DEC Prospects Group. | Fonte: Banco Mundial, Grupo de Perspectivas de Desenvolvimento. |

As *necessidades de financiamento externo* que se observam nos países em desenvolvimento como um grupo deverão aumentar para US\$ 1,3 trilhões em 2009, abrangendo déficits da conta corrente (US\$ 330 bilhões) e quitações de principal de dívidas que estão prestes a vencer (US\$ 970 bilhões). Com o atual declínio nos fluxos de capitais destinados aos países em desenvolvimento, seria gerado um déficit de financiamento estimado entre US\$ 270 e US\$ 700 bilhões, dependendo da dimensão dos riscos de rolagem e da fuga de capitais. As regiões com os déficits de financiamento mais profundos são a Europa e a Ásia Central, América Latina e África Subsaariana. Segundo as projeções atuais, 84 dos 109 países em desenvolvimento enfrentariam déficits de financiamento que seriam, na maioria dos casos, amplos demais para cobrir apenas com saques das reservas. Isso sugere que, se não houver apoio internacional suficiente, os países poderiam ser forçados a gerar uma inversão acentuada do saldo da conta corrente, o que resultaria em mais declínio da demanda interna e das importações.

### Recuperação modesta em 2010 possível, mas muito incerta

Continuam os debates sobre o possível “contorno” da recuperação após o atual desaquecimento. Mas há pouca dúvida de que as perspectivas para 2010 em particular estão envoltas em extrema incerteza quanto a uma ampla gama de variáveis políticas e de outra natureza, e sua capacidade de ocasionar a reinição da atividade econômica. O ciclo pronunciado do investimento mundial poderia ter dinâmica suficiente para retornar o crescimento global ao território positivo até 2010, à medida que se modere o declínio do investimento e que comece a ser atendida a demanda postergada de bens de consumo duráveis. Juntamente com os efeitos dos estímulos monetários e fiscais, o resultado é a modesta recuperação global indicada na previsão de referência aqui apresentada.



|  |  |
|--|--|
| Figure 1.e: Despite stronger growth GDP will remain well below potential | Gráfico 1.e: Não obstante o aumento do crescimento, o PIB continuará bem abaixo do potencial |
| Output gap   | Déficit de produção  |
| Developing   | Em desenvolvimento   |
| High-income  | Alta renda   |
| Record levels of spare capacity  | Níveis recordes de capacidade ociosa   |
| Source: World Bank, DEC Prospects Group.                                 | Fonte: Banco Mundial, Grupo de Perspectivas de Desenvolvimento.                              |

Contudo, se os problemas bancários persistirem ou mesmo se surgirem novas ondas de tensão nos mercados financeiros, o resultado poderia ser a estagnação do PIB global ou até mesmo outro ano de declínio em 2010. Em ambos os casos, o *déficit de produção*<sup>1</sup> estimado aumentaria em 2010, pois (também na referência) o crescimento fica muito aquém do potencial (gráfico 1.e). Isso implica que o desemprego e os déficits fiscais aumentarão até 2010, tanto nos países de alta renda como nos países em desenvolvimento, e que as condições desinflacionárias poderiam persistir até bem depois do início do ano.

---

<sup>1</sup> O déficit de produção é definido aqui como a diferença entre o PIB real e o PIB com pleno emprego (potencial), expresso como porcentagem do PIB potencial.